

LESÕES OCULARES EM CANÁRIOS

Paulo Cesar Löf.

Caracteres Gerais.

As lesões descritas nesse trabalho foram observadas por mim, pela primeira vez, na temporada de cria de 1999, em carazinho, norte do Rio Grande do Sul, mas outros criadores, de várias regiões do País, relatam ocorrências do mesmo caso, nesse e em outros anos.

A parte técnica foi orientada e fundamentada pelo Médico Veterinário Dauri Jorge Varashin, criador e presidente da Sociedade Ornitológica do Planalto, que tem dirigido sua atenção para as enfermidades envolvendo canários, com grande êxito.

Essa lesão ocorre no globo ocular de filhotes, entre 3 e 8 dias de vida e caracteriza-se por um endurecimento da secreção, assemelhando-se a um grão de painço, dentro da pálpebra, de coloração amarelada, causada por ***staphylococcus aureus***.

Sempre ocorre antes da abertura dos olhos, retardando-a. A forma de contaminação não está perfeitamente determinada, pois os casos podem ocorrer de modo isolado, dentro da mesma peça de criação e em criadouros não relacionados. Porém, nas gaiolas dos casais onde já apareceram casos, a reincidência é maior. O contato entre os afetados parece ser a causa mais provável, pois a enxertia de filhotes de outros ninhos aumenta a disseminação.

A idéia de relação com hipervitaminose nos pássaros carotenados foi definitivamente afastada pelo aparecimento homogêneo em plantéis com e sem fator vermelho. Possui características de infecção secundária.

Ocasiona um aumento da mortalidade dos filhotes, podendo chegar de 8º/10º dos nascidos. As doenças podem ocorrer isoladamente na mesma ninhada, com filhotes sadios desenvolvendo-se perfeitamente entre os afetados. A mortalidade dá-se pelo fato de que, com o surgimento da lesão, esses enfraquecem e não são alimentados de modo adequado pelos pais, morrendo por inanição. A natureza estabelece um controle eficaz.

Os pássaros que sobrevivem não tratados a tempo, apresentam lesão irreversível de retina, ficando cegos e lacrimejando continuamente, tornando impraticável a sua utilização no plantel.

Esse germe encontra-se dispersos em qualquer ambiente, com uma convivência pacífica com os indivíduos e os ataques ocorrem quando há um desequilíbrio, causado por diminuição na resistência orgânica. Vários fatores externos contribuem como a superlotação, a má aeração do ambiente e manejo incorreto. Qualquer mudança na qualidade da alimentação também traz reflexos imediatos.

Não há, entretanto, na literatura especializada, descrição de lesão conjuntiva causada por essa bactéria, com essas características, mesmo em outras espécies animais.

Resultados dos Exames.

Os exames realizados pacientemente pela farmacêutica bioquímica Elisete Ciocari, do Laboratório Cirus Ltda, isolaram o germe ***staphylococcus aureus***, em cultura pura, sem presença de germes secundários. No antibiograma, a bactéria apresentou sensibilidade aos medicamentos ***Amicacina, Cefalotina, Ciprofloxacina, Gentamicina, Netilmicina, Nitrofurantoína, Tetraciclina e Tobramicina*** e resistência para os ***Ácidos Nalixídico e Pipimídico, para Ampicilina, Aztreonam, Cefotaxina, Cefotaxinina, Cloranfenicol, Imipenem, Norfloxacin e Sulfazotrin***.

Tratamentos.

De início, tentou-se um tratamento para os filhotes infestados, de modo curativo, com colírios, mas de pouco êxito devido à dificuldade de tratamento de uma lesão interna. A regressão só foi conseguida nos casos ***tratados no primeiro dia do aparecimento***, quando se nota um pequeno ponto amarelado no centro do olho, através da pálpebra.

Não confundir com a linha de abertura da pálpebra. A lesão é mais difusa, circular, e não linear. O medicamento utilizado foi uma pomada oftálmica, de uso humano, à base de **cloridrato de oxitetraciclina e polimixina b**, barata e facilmente encontrada em qualquer farmácia, aplicada após a limpeza do local. Alguns filhotes, tratados nesse ponto, curaram-se totalmente. O mais indicado no início do aparecimento no criadouro, segundo criadores que convivem há mais tempo com a doença, é a eliminação total dos filhotes afetados, com pulverização dos pais, ninhos, ovos, filhotes e instalações com desinfetante de amplo alcance. Normalmente, feito isso, não aparecem novos casos.

Bons resultados têm sido alcançados com o produto VIRKON, de fabricação inglesa, e que, segundo testes, não apresentou nenhuma toxidade aparente. No mercado nacional, existem vários produtos excelentes e de bom alcance, como o [QUILOL-L](#) e o [LAVI-FEN](#). Segundo Dauri Varashin, essas desinfecções gerais não devem ser feitas de modo constante, para não afetar a resistência dos indivíduos pela ausência de contato com os germes.

Ainda, explica que medidas drásticas somente devem ocorrer quando houver quadros agravados, para promover uma baixa rápida na população do patógeno, possibilidade de re-equilíbrio ambiental. De maneira geral, uma boa profilaxia constante do criadouro manterá os níveis estáveis, podendo os animais conviver de modo harmônico com o ambiente.

No caso de surtos dessa doença, pode ser feito tratamento preventivo/curativo, antes e durante a temporada de cria, com medicamento à base de **clavulinato de potássio** e **amoxicilina**, antibiótico para uso humano, na dosagem de 250 mg do princípio ativo (um frasco) para 4 Kg de farinha seca, durante 7 a 8 dias, com intervalo de 40 a 50 dias.

Também pode ser utilizado na papa dos filhotes de ninho, na mesma proporção.

Os criadores devem ser alertados para que não se utilizem medicamentos sem necessidade premente, para evitar resistência bacteriana, o que reduzirá ou até anulará o seu efeito, quando necessário. Acompanhei a utilização dos desinfetantes [QUILOL-L](#), na dosagem de 5 ml/litro, e VIRKON, na proporção de 5g / litro, pulverizado em todo ambiente e nos animais (adultos, filhotes e ovos), além medicamento descrito acima, e os casos não se repetiram após o início do tratamento. Uma ótima aeração do ambiente é imprescindível, principalmente nas regiões e épocas mais frias.

Conclusão.

A conclusão que se chega é que a utilização massiva de antibióticos sem necessidades urgente, aliado ao trânsito indiscriminado de pássaros reprodutores, tem propiciado o surgimento de novas patologias, e que o melhor tratamento ainda é alimentação com qualidade, manejo adequado e observação diária e criteriosa do plantel, em ambientes equilibrados. Infelizmente, o uso não criterioso de medicamentos nos nossos plantéis tem anulado o efeito de produtos que poderiam ser nossos grandes aliados. A prática negativa de "medicar" pássaros e farinhadas com o primeiro que aparecer ainda é freqüente. O bom senso e a orientação de criadores com formação técnica e profissional da área ainda são insubstituíveis.